

A casa do Chico

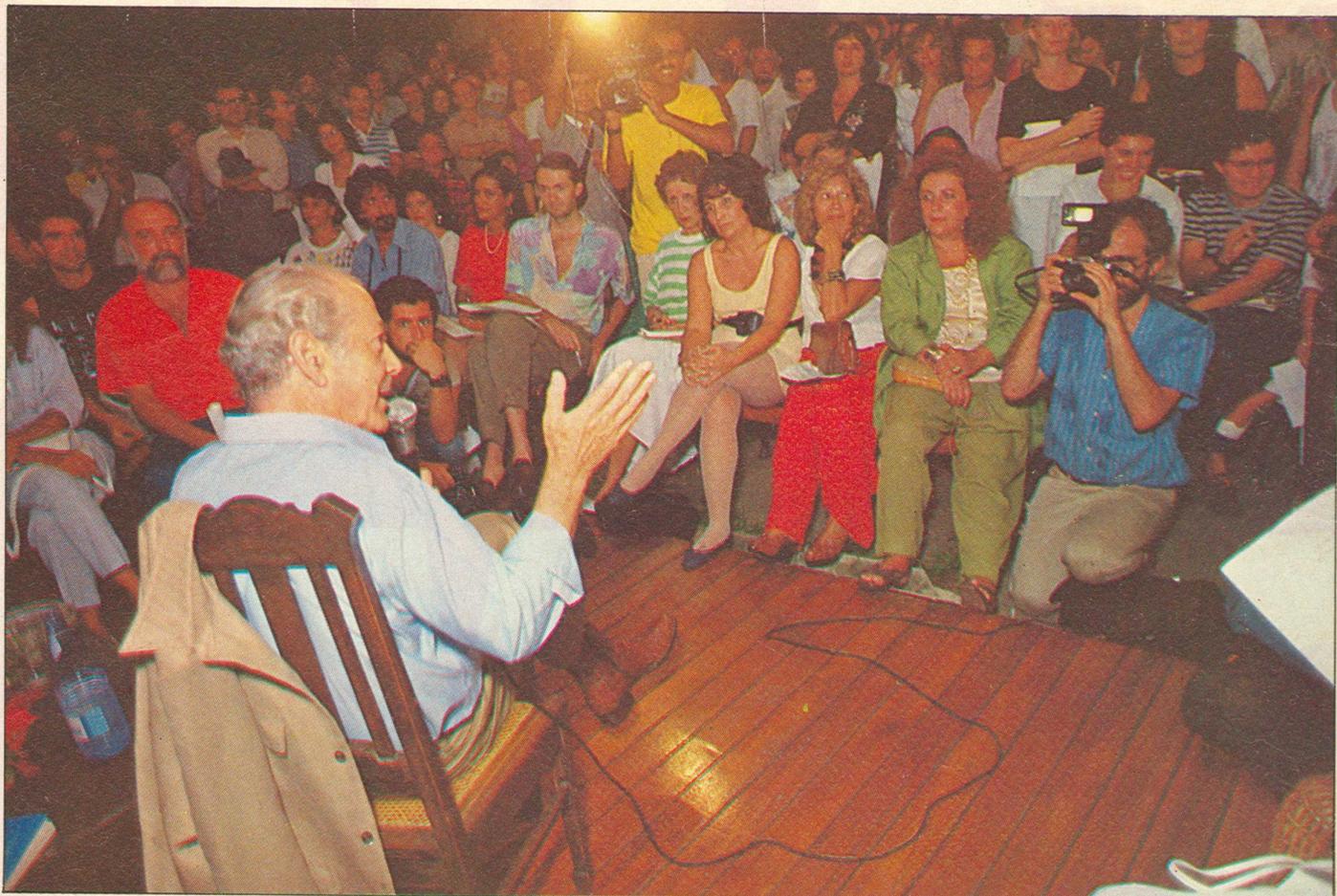
Políticos, artistas e intelectuais disputam o prestígio de ser recebidos pelo anfitrião Chico Buarque

CARLOS JOSÉ MARQUES

No alto da Gávea, protegida do caos urbano da Zona Sul carioca, a casa do compositor e cantor Chico Buarque reeditou nos últimos dias, abrindo suas portas para os presidentiáveis Lula e Leonel Brizola, a efervescência política que já viveu no passado. Desde que o País começou a ouvir e cantar *Apesar de Você*, há cerca de 15 anos, a casa de Chico Buarque vem servindo de palco a encontros, debates e reuniões da chamada *intelligentsia* brasileira. Personalidades da vida pública nacional e estrangeira passam inevitavelmente por lá. Em calorosas recepções, a casa já abrigou, por exemplo, o presidente da Nicarágua,

Daniel Ortega, e apresentou ao Brasil o músico cubano Pablo Milanes.

Na casa dos Buarque de Holanda, não há dúvida, se faz fato político. Candidatos às eleições crêem nisso. Intelectuais, artistas e convivas, também. Nela, programas de governo são engendrados, movimentos de protesto organizados, documentos rabiscados. Foi assim à época do retorno de exilados políticos, como Miguel Arraes, ou no momento em que a cidade precisou ser salva da falência administrativa – com a convocação às pressas dos membros da orfanidade para elaborar o trabalho de “Se Liga Rio”. Com a ida de Ulysses Guimarães, para uma “troca de idéias”,



Brizola expõe suas idéias

Um discurso que durou quatro horas e meia

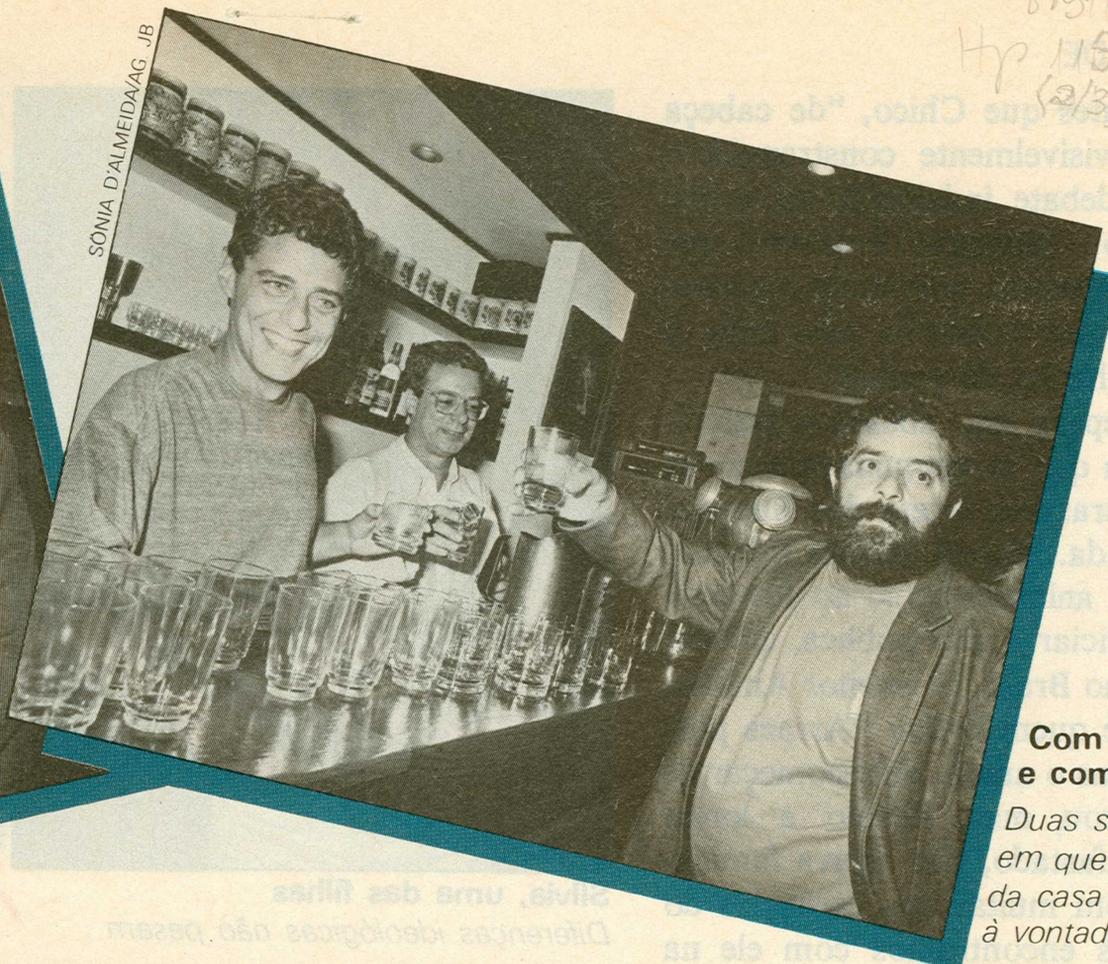
articulou-se o engajamento de muitas das estrelas que circularam nas manifestações pró-diretas, em 1984.

A profusão de eventos sediados na casa, a princípio, deveria ser creditada à combatividade política do anfitrião. Mas essa, provisoriamente, está arquivada – desde que em 1982 ele participou de uma malsucedida campanha de candidatos peemedebistas, e apoiou Miro Teixeira ao governo fluminense. É razoável, portanto, atribuir essa confluência de encontros – ao menos os mais recentes – a iniciativas partidárias. O PDT e o PT é que solicitaram as suas “audiências”, admitem. Nos comes e bebes cada um gastou por volta de NCz\$ 2 mil, com direito a discurso. Na recep-

ção ao PT, o partido entrou com 200 litros de chope e Chico com três garrafas de uísque nacional Natu Nobilis – que circulou pelas mãos do dono da casa, de Lula e frei Betto. Serviram-se ainda quibe, risoles de camarão, coxinha de galinha e empadinhas. O PDT só bebeu. Entrou na casa de Chico também com 200 litros de chope e muitas garrafas de Coca-cola família. Entre os dois, a simpatia do anfitrião inclinou-se mais para o segundo, embora ele não tenha aderido ao PT. Nem prometeu seu voto a Lula. Simpatiza com as propostas, elogiou a coerência partidária, mas continua pensando. Teria no governador pernambucano Miguel Arraes a sua escolha. Mas Chico acredita que



ARI GOMES/AG. JB



SÔNIA D'ALMEIDA/AG. JB

Com Ortega e com Lula

Duas situações em que o dono da casa sentiu-se à vontade



PEDRO AGILSON

A biblioteca

Reservada para assuntos considerados sérios

a candidatura Arraes é uma hipótese pouco provável.

A casa da Gávea ainda pode gerar muitas reviravoltas. A própria atriz Marieta Severo, mulher do compositor, revela que não escolheu a quem emprestar seu apoio. O candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Roberto Freire, pode agendar um dia para o seu *debut* na família e, quem sabe, colher votos. O líder da UDR, e presidenciável, Ronaldo Caiado, também manifestou desejo de fazer ali uma reunião com intelectuais para mostrar a sua plataforma. Nenhuma chance. É Marieta quem avisa que “a democracia da casa vai até os limites da esquerda”. O amigo e cantor Fagner, assíduo freqüentador de mesas-

redondas na biblioteca, endossa a restrição: “Não temos nada que ouvir da direita pois ela já teve tempo demais para fazer alguma coisa.”

O temário político, embora não obrigatório, sempre freqüentou as recepções que ali se realizaram. O ex-deputado Márcio Moreira Alves recorda que mesmo a feijoada em homenagem a Pablo Milanes, da qual participou, assumiu contornos diplomáticos. “Pela primeira vez, depois de anos, estávamos tendo uma reaproximação com um cubano”, lembra. Logo em seguida, o Brasil reataria relações com Cuba. “Pode não ter uma ligação direta, mas acho que aquele foi um passo”, diz ele. A mesma impressão Moreira Alves guarda de

uma antiga reunião, em meados de 77, coordenada pelo acadêmico Antonio Houaiss, que teria sido uma fresta aberta contra a censura vigente e o patrulhamento ideológico. Nela rascunhou-se um “estudo preliminar” sobre a redemocratização do Brasil, que deu origem ao memorável ciclo de debates de intelectuais no Teatro Casa Grande, no Rio, meses depois.

Nos sete mil metros quadrados de área, circundada por muito verde, com piscina, quadra de jogos, jardins, duas varandas e inúmeros cômodos, é decerto a biblioteca o local escolhido para os acontecimentos mais políticos. Nela, Ulysses Guimarães pediu “a colaboração para colocar as diretas na rua”. “Eu estava lá, juntamente com a Dina Sfat, Cristiane Torloni, Arthur da Távola e outros, e acredito que ali começou tudo, a entrada maciça dos artistas para mobilizar a opinião pública”, testemunha o sambista João Nogueira.

Na mesma biblioteca, Chico Buarque compôs os *jingles* para as campanhas de Fernando Henrique Cardoso, ao Senado, em 79, de Pedro Simon, Marcos Freire e Miro Teixeira, candidatos a governador em 1982. O trabalho na candidatura Miro Teixeira marcou o período de intensa agitação política na casa do artista; à época, constantes encontros tinham de ser marcados para dar corpo aos planos de *shows*, manifestos e programas de tevê. Às vésperas do resultado, que se sabia desfavorável nas urnas, uma reunião-balanço, na qual os presentes, de ânimos exaltados, trocaram ofensas, fechou o mais triste capítulo das passagens pelo local. Lembra um dos ▶▶

traçar com rigor o tipo de afinidade que os convivas nutrem pelo ideário político abordado. Os candidatos movem-se com habilidade nos encontros. Lula e Brizola, por exemplo, depois de meses gastos no obscuro trabalho de tecer as malhas da campanha, não se negaram, na casa de Chico, a remexer na plataforma. Brizola falou mais: ininterruptas quatro horas e meia. Lula esteve receptivo às críticas e cauteloso nas abordagens para angariar adeptos. Nenhum deles, é claro, perde a ginga política nessas apresentações. Copo na mão, sorriso no lábio, delegaram tarefas: "O papel de vocês é importante, se vocês acreditarem que podem dedicar-se à elaboração de um projeto cultural", disse Lula a uma platéia atenta. Brizola também entregou o assunto "aos poetas". O episódio mais pitoresco dos recentes debates ocorreu na festa do Lula.

Uma lista de presença, com telefones de contato, foi passada. Nada oficial, "uma simples herança". Sumiu antes que os assessores colocassem o olho nela. A hipótese aventada pela ala xiita dos organizadores é a de que um agente infiltrado carregou para o front inimigo. Pouco provável. O único "intruso" - as-

sim definido pelos comensais que desconheciam a sua identidade - era um eloqüente e mordaz orador que, em determinado momento, veio a repartir as atenções com Lula. Reclamou o diabo. Cobrou a posição do partido sobre os meios de comunicação. Pôs em xeque a gestão da ex-petista Maria Luiza Fontenele, em Fortaleza. Lançou dúvidas sobre a conduta de outra Luiza, a Erundina, na Prefeitura paulista. E atrapalhou quem queria ouvir mais do presidencial. No final, madrugada bem entrada, quando muitos haviam ido embora, apresentou-se como Israel Alves, assessor do Senado.

Ninguém sabe por que ele veio. "Betinho" lhe deu carona até um restaurante na Zona Sul carioca, mas não conseguiu arrancar nada. Num balanço do que ocorreu nos novos "showmícios" na casa de Chico, não

se pode negar que manifestações de apreço são registradas. Brizola recebeu do músico Jards Macalé o livro *A Regra do Jogo*, do jornalista Claudio Abramo. Lula, por sua vez, teve a conversa gravada na íntegra por frei Betto, que se define "um eleitor, torcedor e propagador do PT", e irá lançar uma obra biográfica do candidato (tiragem de 100 mil exemplares) na simbólica data de 1º de Maio, dia do trabalhador. Lula ainda será convertido em estrela de cinema por intermédio do cineasta Silvio Tendler, o mesmo que filmou *Jango e Os Anos JK*. O diretor não queria que a novidade viesse a público, mas as novidades, chope vai, chope vem, vazam sob teto dos Buarque de Holanda.

São todos movimentos de simpatizantes que consolidam a imagem dos candidatos, em época de caça ao voto. O coordenador da campanha

Família e amigos
Com a mãe, dona Maria Amélia, e com os ídolos Sócrates, Callado e Arraes



TASSO MARCELO/AG. JB

JOSÉ ROBERTO SERRAAG. JB



Na passeata dos 100 mil
Chico não se iludia com a turma de 68

de Brizola, o ex-ministro Fernando Lyra, não se esquivou nessas ocasiões de amealhar algum trunfo. Insistiu junto a Marieta para que ela notasse as qualidades do PDT. Na recepção ao PT, não faltaram camisetas com a inscrição "Lula Brasil". O maestro Wagner Tiso pagou NCz\$ 15 pela camiseta e a vestiu na hora. Na casa dos Buarque de Holanda, uma certa unanimidade havia em torno do PT. Duas de suas três filhas, Sílvia, 19 anos, e Helena, 18 anos, além de d. Maria Amélia, não medem esforços para trazê-lo ao convívio do partido. No dia de Lula, Helena foi vista contando as vantagens petistas ao pai. Segundo Sílvia, as diferenças ideológicas não causam constrangimentos em família. "O importante é ouvir todas as variantes possíveis e é o que se tenta nesses fóruns de conversas", diz ela. ●

CAMPANELLA NETO/AG. JB